

**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO COMPLEXO DE VIRA-LATAS, DE  
\*NELSON RODRIGUES, POR MEIO DA METÁFORA CONCEPTUAL E DA  
INTERTEXTUALIDADE**

***THE DISCURSIVE REPRESENTATION OF NELSON RODRIGUES MONGREL  
COMPLEX THROUGH CONCEPTUAL METAPHOR AND INTERTEXTUALITY***

Fernando Fidelix Nunes<sup>1</sup>  
Mestre em Linguística (UnB)  
([fidelix1@hotmail.com](mailto:fidelix1@hotmail.com))

Lucas Barbosa de Melo<sup>2</sup>  
Mestre em Linguística Aplicada (UnB)  
([lucas.melo@ifb.edu.br](mailto:lucas.melo@ifb.edu.br))

**RESUMO:** Com base nos pressupostos de que os textos são inerentemente intertextuais (FAIRCLOUGH, 2003, 2008[1992]) e de que as metáforas estão ligadas à cognição humana e são responsáveis por estruturar nosso sistema conceitual para a compreensão do mundo e da experiência humana (LAKOFF;JOHNSON, 1980), o objetivo principal deste trabalho é analisar a construção discursiva do “complexo de vira-latas”, de Nelson Rodrigues, a partir da análise da crônica “Complexo de Vira-Latas”. Discutiremos como a intertextualidade foi utilizada pelo principal dramaturgo brasileiro do século XX para, a partir do debate sobre a representação discursiva da Seleção Brasileira de futebol masculino às vésperas de sua estreia na Copa do Mundo de 1958 – título até então inédito para o Brasil –, contrapor-se ao discurso de que o povo brasileiro e a sua cultura, representados no texto pela seleção de futebol, são inferiores a outras nações consideradas mais desenvolvidas. No contexto da crônica investigada, esses conceitos são dados por uma metáfora complexa que é constituída por meio de estruturas léxico-gramaticais metonímicas e metafóricas que estruturam o domínio COMPLEXO DE VIRA-LATAS. O método de procedimento de identificação metafórica utilizado foi o *Metaphor Identification Procedure* (MIP) proposto pelo Pragglejaz Group (2007).

**Palavras-chave:** Complexo de Vira-Latas. Nelson Rodrigues. Intertextualidade. Metáfora.

**ABSTRACT:** Based on the assumptions that texts are inherently intertextual (FAIRCLOUGH, 2003, 2008[1992]) and that metaphors are linked to human cognition and are responsible for structuring our conceptual system for understanding the world and human experience (LAKOFF;JOHNSON, 1980), the main purpose of this study is to analyze the discursive construction of Nelson Rodrigues' "mongrel complex" from the analysis of the tale "Complexo de Vira-Latas". We will discuss how intertextuality was used by the main Brazilian playwright of the twentieth century to, based on the debate about the discursive representation of the Brazilian men's national soccer team on the eve of its debut in the 1958 World Cup - a title unprecedented for Brazil until then - counter the discourse that the Brazilian people and its culture, represented in the text by the soccer team, are inferior to other nations considered more developed. In the context of the investigated tale, these concepts are given by a complex metaphor constituted by means of lexical-grammatical metonymic and metaphorical structures

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística PPGL-UnB). Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1713-6871>

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UnB). Professor do Instituto Federal de Brasília (IFB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8161-6784>

that frame the domain MONGREL COMPLEX. We used the Metaphor Identification Procedure (MIP) proposed by the Pragglejaz Group (2007).

**Keywords:** Mongrel Complex. Nelson Rodrigues. Intertextuality. Metaphor.

## Introdução

Nelson Rodrigues (1912-1980) foi um dos principais escritores brasileiros do século XX. Além de ser considerado um dos principais dramaturgos da história do Brasil – mérito conquistado em decorrência do prestígio de peças como “Vestido de Noiva” (1943), “O Beijo no Asfalto” (1960) e “Bonitinha, mas Ordinária ou Otto Lara Resende” (1962) – ele também produziu em abundância e com muita repercussão diversos outros gêneros textuais publicados em jornais e revistas, destacando-se com contos, crônicas e folhetins que abordavam temas polêmicos para a sociedade brasileira da época e que ainda hoje são o centro de diversos debates dentro e fora das nossas universidades, como: traição, incesto, homicídio, feminicídio, suicídio, o papel das minorias em nossa sociedade, críticas ao comunismo, corrupção, fome, miséria, desprestígio da arte brasileira no mundo, desvalorização do Brasil pelo seu povo e a intensa relação dos brasileiros com o futebol masculino, principalmente com a Seleção Brasileira durante as Copas do Mundo.

Investigar os grandes textos de Nelson Rodrigues é ter a chance de estudar de que maneira a potência dos sentidos é materializada em textos curtos por meio do uso magistral dos recursos linguísticos associados a questões centrais da vida em sociedade, especialmente dos grandes centros urbanos brasileiros. O autor dos cerca de dois mil contos de “A Vida Como Ela É...” e de inúmeras crônicas sobre política, futebol, memórias pessoais e costumes não vivia simplesmente da escrita de seus textos, mas principalmente das polêmicas e dos impactos que causava nos seus leitores e espectadores por meio da arte da palavra no seu cotidiano profissional em uma realidade brasileira bastante complexa do ponto de vista social e político, isto é, ele tinha o objetivo de alcançar o público de forma efetiva e, por vezes, persuasiva para trazer à tona a sua visão de mundo acerca da complexidade das relações sociais que marcavam o Brasil em meados do século XX.

Ele tinha consciência de que a forma por meio da qual se expressava era capaz de tornar os seus enunciados marcantes no tratamento de temas controversos, ou seja, seus usos metafóricos e provocativos da língua ajudaram a tornar seus textos

referências intertextuais na constituição de diversos discursos na mídia, na literatura, na política e no futebol, o que pode ser verificado com certa facilidade ao se observar atentamente os textos de cronistas, influenciadores e analistas de diversas áreas que possuem protagonismo nas mídias atuais.

A partir dessa estética, Nelson Rodrigues notabilizou-se por criar frases e expressões bastante polêmicas e populares que buscavam explicar muito da cultura e do povo brasileiro, como: “a unanimidade é uma burrice”, “o amigo é um momento de eternidade”, “Os Sertões, de Euclides da Cunha, foi o Brasil vomitado”, “amar é ser fiel a quem nos trai”, “o brasileiro é um feriado” e o “complexo de vira-latas”. Esta última será tratada com maior detalhamento neste trabalho a partir da intertextualidade e da metáfora a fim de discutirmos de que maneira esses recursos foram utilizados para se construir a representação que o povo brasileiro fazia de si a partir da relação que tinha com a seleção masculina de futebol às vésperas da Copa do Mundo de 1958, título até então inédito para nós.

### **A Intertextualidade e a Metáfora Conceptual**

A intertextualidade tem como precursor o termo dialogismo, que concebe os enunciados como elos na cadeia de comunicação humana (BAKHTIN, 2011), isto é, como subsequentes a enunciados anteriores e antecessores de enunciados posteriores. A autoria do termo “intertextualidade” coube a Júlia Kristeva na década de 1960. Esse conceito sofreu muitas alterações e passou a ser definido de diferentes formas conforme a perspectiva teórica adotada. Neste artigo, trabalharemos com a perspectiva de Norman Fairclough sobre esse conceito, que é tanto teórica quanto metodológica para a análise de textos.

Com base nos estudos de Bakhtin, a abordagem de Fairclough (2003, 2008) parte do pressuposto de que os textos são inerentemente intertextuais, pois são constituídos por elementos oriundos de outros textos que são apresentados de forma mais ou menos explícita.

Conforme Fairclough (2003, p.218-219), a intertextualidade de um texto é a presença de elementos de outros textos em sua constituição – propriedade responsável por favorecer a presença das vozes de outros atores sociais em um determinado texto – que podem ser apropriadas de várias formas, como por meio do diálogo, da concordância ou da rejeição. Para o analista do discurso inglês, a

intertextualidade pode se tratar de um movimento de se retirar o texto de um contexto para outro diverso, resultando na alteração da relação de um determinado texto com um novo contexto em que ele passa a ser inserido.

Nesse processo, é fundamental levar em consideração para a nossa análise o uso do discurso relatado, que se refere à forma como um determinado texto é representado para a organização gramatical e discursiva de outro texto. Fairclough (2003, p. 49) defende a existência de quatro formas recorrentes de se expressar a intertextualidade por meio do discurso relatado: discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre e relato narrativo de ato de fala<sup>3</sup>. Ademais, Fairclough (2008, p.155) destaca que a escolha do verbo na representação do discurso relatado é sempre significativa, pois costuma marcar a força ilocucionária de um enunciado e contribui substancialmente para a interpretação deste.

Dessa forma, é importante, ao se investigar o discurso relatado, considerar duas questões (FAIRCLOUGH, 2003, p. 51): a relação entre o que é relatado com o texto original de onde foi retirado; e a relação entre o texto ou fragmento de texto a que se faz referência com o restante do texto que ele passa a integrar.

Sobre a relação entre intertextualidade e hegemonia, fundamental para esta pesquisa, visto que discutimos a luta pela hegemonia da representação que o povo brasileiro fazia de si a partir da seleção masculina de futebol às vésperas da Copa do Mundo de 1958, Fairclough defende que

não só se pode mapear as possibilidades e as limitações para os processos intertextuais dentro de hegemonias particulares e estados de luta hegemônicas, mas também conceituar processos intertextuais e processos de contestação e reestruturação de ordens de discurso como processos de luta hegemônica na esfera do discurso, que têm efeitos sobre a luta hegemônica, assim como são afetados por ela no sentido mais amplo (FAIRCLOUGH, 2008[1992], p. 135).

Fairclough também assinala dois aspectos fundamentais acerca dos efeitos do uso da intertextualidade nas práticas discursivas:

primeiro, a diferença entre diversas vozes apropriadas em um texto pode incluir o fato de que diferentes vozes estão ligadas a discursos distintos. Segundo, essas vozes podem representar mais ou menos concretamente ou abstratamente a intensidade da direção da citação

---

<sup>3</sup> Relato narrativo de ato de fala, segundo Fairclough (2003, p.49), faz menção a um ato de fala sem fazer referência direta ao seu conteúdo. Ex: Ele fez uma observação sobre o clima naquele momento.

de o que é atualmente dito ou escrito em um evento particular, para o que é dito ou escrito em um outro evento específico (FAIRCLOUGH, 2003, p. 54).

A intertextualidade, portanto, é um processo intrínseco aos textos e que pode ter como resultado o diálogo entre diferentes vozes e discursos num mesmo texto. É importante ressaltar que os produtores de textos detêm poder a respeito da forma como outros textos e outras vozes são inseridas num contexto diverso daquele em que foram apresentadas originalmente na busca pela hegemonia discursiva sobre um determinado tema. Esse poder não é utilizado de forma arbitrária, mas de acordo com os interesses e objetivos de quem produz os textos na relação que desejam estabelecer por meio da interação social.

A metáfora é um poderoso recurso para construção de sentidos e literacidade dos textos, pois conforme a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), elaborada por George Lakoff e Mark Johnson (1980, 1999), no âmbito da Linguística Cognitiva, a metáfora não é apenas um recurso retórico e literário, mas um mecanismo da linguagem e do pensamento que desempenha um papel fundamental na construção e organização das experiências humanas estruturando nosso sistema cognitivo. Na abordagem desses autores,

A metáfora é para a maioria das pessoas um mecanismo da imaginação poética e do florescimento retórico – uma questão extraordinária da linguagem. Além disso, a metáfora é normalmente vista como característica da linguagem por si só, uma questão de palavras, em vez de pensamento ou ação. [...] Nós descobrimos que, pelo contrário, a metáfora é generalizada na vida cotidiana, e não apenas na linguagem, mas em pensamento e ação. Nosso sistema conceitual, em termos de como nós pensamos e agimos, tem sua natureza fundamentalmente metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 3).

A metáfora conceptual é constituída, conforme Lakoff e Johnson (2002), por **mapeamentos** (*mappings*) entre domínios cognitivos conceptuais: o **domínio-fonte** (*source domain*), de natureza mais concreta e experiencial, e o **domínio-alvo** (*target domain*) de natureza mais abstrata, difuso e sem uma delimitação clara; como resultado, ele “clama” por conceptualização metafórica, sendo que os domínios-alvo mais recorrentes são: as emoções, os desejos, a moral, o pensamento,

sociedade/nação/povo, política econômica, comunicação, relações humanas, vida/morte, tempo, religião, eventos e ações (KÖVECSES, 2010, p. 23).

Para Soares da Silva (2015), a metáfora existe primária e fundamentalmente no plano do sistema conceptual humano, manifestando-se na linguagem verbal, nas imagens e em outras formas de comunicação. Segundo Ortíz Alvarez (2011, p.186), a metáfora é “uma maneira de dar mais vida ao que se fala, de chamar a atenção do ouvinte, buscando uma imagem que faça parte do repertório deste ouvinte e que, portanto, possa ser evocada quando ele necessitar compreender um conteúdo”.

A metonímia conceptual, tal como a metáfora, também é um mecanismo da cognição humana que categoriza fenômenos da vida quotidiana fazendo parte da forma como pensamos, agimos e estruturamos o mundo. Conforme Kövecses (2010, p. 324), a metonímia conceptual é um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo domínio conceptual, ou Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)<sup>4</sup>. Na metonímia, tanto a entidade-veículo quanto a entidade-alvo são elementos de um mesmo domínio conceptual.

Para Lakoff (1987), os modelos metonímicos têm um status cognitivo, porque fazem parte do raciocínio para os mais variados propósitos, como aqueles em que um membro ou subcategoria pode representar metonimicamente uma categoria inteira, para fazer inferências, cálculos, aproximações, planos, comparações e julgamentos, que são práticas recorrentes do cotidiano (SOARES da SILVA e LEITE, 2015).

Tanto a metáfora como a metonímia, portanto, constituem uma poderosa estratégia conceptual e discursiva porque se estruturam na linguagem e no pensamento, dando sentido a questões de natureza mais abstrata, como noções ligadas à sociedade e aos seus membros.

### **A Representação Discursiva do Complexo de Vira-Latas**

Até hoje muito utilizada na nossa imprensa e em diversas representações discursivas, a expressão “complexo de vira-latas” aparece na crônica homônima de Nelson Rodrigues, publicada originalmente em 31/05/1958 na revista Manchete

---

<sup>4</sup> Os Modelos Cognitivos Idealizados correspondem a estruturas que organizam nosso conhecimento e que guiam o significado e a estrutura de uma categoria linguística (LAKOFF, 1987).

Esportiva às vésperas da Copa do Mundo de 1958, que, no final do mês subsequente (29/06/1958), seria o primeiro Mundial conquistado pelo Brasil. O texto parte dessa expressão para promover uma reflexão profunda sobre a posição de inferioridade que os brasileiros se colocavam em relação a outros países, principalmente aos europeus e àqueles considerados mais desenvolvidos em parâmetros sociais.

Trata-se de uma poderosa metáfora que remete a um problema de natureza psicológica, especialmente ligado à falta de autoestima por parte dos brasileiros, isto é, “Complexo de Vira-Latas” mostra que os brasileiros têm um profundo problema de se valorizar frente ao mundo. Portanto, há, no texto analisado, a mescla de gêneros (FAIRCLOUGH, 2003) entre diagnóstico e crônica na construção da representação discursiva do complexo de vira-latas.

A representação discursiva do “complexo de vira-latas” começa a ficar evidenciada logo nas linhas iniciais, quando o escritor toma o elenco de jogadores da seleção como seu personagem da semana e alerta sobre o conflito de expectativas que oscilavam entre esperança e pessimismo do povo brasileiro antes do início da participação da nossa seleção em busca de um título inédito até então, ou seja, o autor começa o texto apresentando duas vozes antagônicas. O processo de intertextualidade começa a ser essencial nessa construção quando o autor afirma: “Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: – ‘O Brasil não vai nem se classificar!’. E, aqui, eu pergunto: – não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?” (RODRIGUES, 1993, p. 51).

No fragmento da crônica-diagnóstico acima, é importante destacar que o autor parece utilizar, como fará em diversos outros trechos do texto e de outras crônicas sobre futebol presentes na coletânea “À Sombra das Chuteiras Imortais” (1993), o travessão (“–”) precedido de dois-pontos (“:”) na constituição de enunciados para os quais ele quer dar saliência e também, em decorrência das convenções escritas do Português, estabelecer um tom de oralidade ao trecho como pertencente a um diálogo relativamente casual que ele tenta sustentar com os interlocutores. De certa forma, ele ressalta o uso do discurso direto dentro da sua própria fala em seu próprio texto, o que pode sinalizar a ideia de que ele fala e defende suas ideias de forma clara e direta em tom de diálogo com seus leitores. No emprego dessa estratégia durante o texto analisado, as “falas” são hegemonicamente do próprio autor, com exceção do enunciado “O Brasil não vai nem se classificar!”, que não é dito nem defendido por

ele. A utilização desse recurso durante “Complexo de Vira-Latas”, portanto, fortalece a proximidade do autor do texto com seu público e ajuda a constituir o texto como parte de um diálogo mais direto entre ambos sobre um tema cotidiano.

Por meio do discurso direto, Nelson Rodrigues apresenta como recorrente o pessimismo, que é carregado de uma profunda ira (afinal, as pessoas não falam simplesmente, mas esbravejam) e repetido em diversas circunstâncias, para com o futuro desempenho do Brasil na Copa do Mundo por parte de muitos brasileiros. A partir dessa citação, o autor a recontextualiza e passa a analisá-la como uma espécie de eco da profunda frustração coletiva que foi a derrota da seleção no último jogo da Copa do Mundo de 1950 em pleno Maracanã para a Seleção Uruguaia de futebol masculino.

Esses sentimentos – representados como pessimismo, ira e profunda frustração – que o povo apresenta são elementos que configuram a metáfora ontológica<sup>5</sup> SOCIEDADE É UM ORGANISMO VIVO em que as ações tipicamente humanas, como os sentimentos, sensações e enfermidades são representadas na sociedade que sofreu profundamente com o revés da nossa seleção.

Metonimicamente, a construção da identidade brasileira também é dada pela seleção de futebol na crônica de Rodrigues. Este simbolismo se manifesta de diversas formas em nossa sociedade ainda hoje, desde expressões como “o país do futebol” até no uso da camiseta da seleção como símbolo de patriotismo. Portanto, trata-se de uma metonímia do tipo PARTE/TUDO essencial para a representação discursiva proposta pelo autor do texto.

Nelson Rodrigues, a partir da derrota brasileira, conceptualizou o FUTEBOL em termos de GUERRA como se observa, por exemplo, em “a derrota frente aos uruguaiois na última batalha ainda faz sofrer’ (RODRIGUES, 1993, p.51) com o seguinte mapeamento metafórico:

---

<sup>5</sup> As metáforas ontológicas são aquelas em que um conceito abstrato é transformado em uma entidade. Este tipo de metáfora busca “compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias, permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 36).



**Quadro 1 – Futebol é guerra**

<b>Domínio-fonte</b>	<b>Domínio-alvo</b>
Adversários	Seleções de futebol
Batalha	Jogo
Vencedor	Seleção Uruguaia
Perdedor	Seleção Brasileira

**Fonte:** Os autores

Nos parágrafos seguintes, a intertextualidade e a metáfora passam a ser usadas como formas de análise psiquiátrica, isto é, o autor atua como um médico que, por meio de uma explanação, faz o diagnóstico clínico com base na conduta dos brasileiros que sofrem em decorrência de um evento traumático. Ademais, a intertextualidade é utilizada para explicitar diferenças entre discursos distintos a respeito do antagonismo entre otimismo e pessimismo em relação à participação da Seleção Brasileira de futebol masculino na Copa do Mundo da Suécia em 1958, como fica explícito no seguinte trecho:

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: – é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: – o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: – se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício (RODRIGUES, 1993, p. 51).

O uso da forma verbal “negamos” – que se aproxima de um relato narrativo de ato de fala – em “se negamos o escrete de 58” é uma forma ampla de se referir a textos e falas em que os brasileiros defendem a representação discursiva pessimista em relação ao futuro desempenho da seleção na Copa do Mundo. Assim, o discurso pessimista é representado como uma crença baseada numa espécie de mecanismo de defesa para um trauma gerado por uma imensa decepção – no caso, a derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950 –, isto é, na crônica-diagnóstico, os brasileiros desacreditados são apresentados como se fossem atendidos por um psiquiatra que quer tratar os seus traumas. Essa relação evidencia a presença de duas representações discursivas contrastantes: a dos pessimistas, o povo brasileiro que

sofre com o trauma de 1950 – portanto, presos a uma referência intertextual como definidora de eventos futuros e das identidades ligadas aos brasileiros –, e a do autor, repleta de otimismo em relação ao potencial não só da Seleção Brasileira, mas também do povo representado por ela.

Dessa forma, o trauma psiquiátrico gerador do complexo de vira-latas é tomado como base discursiva para a compreensão da metáfora COMPLEXO DE VIRA-LATAS É UMA DOENÇA que subjaz a metáfora SOCIEDADE É UM ORGANISMO VIVO. Nesse sentido, o complexo de vira-latas é uma DOENÇA que afeta o ORGANISMO que metonimicamente é representado pela seleção que, por sua vez, é a representação do povo.

Para Nelson Rodrigues, os brasileiros são atrapalhados e podem ter seus dons invalidados ou limitados devido ao complexo de vira-latas, que é definido no seguinte fragmento:

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. (...) Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos (RODRIGUES, 1993, p. 52)

O modalizador deôntico – responsável por indicar “o grau de imperatividade/facultatividade atribuído ao conteúdo proposicional” (KOCH, 2009, p. 137) – “voluntariamente” aponta para uma representação discursiva em que os próprios brasileiros são responsáveis por essa conduta, ou seja, eles mesmos são agentes e pacientes do processo que os coloca nessa posição. Nessa representação, os próprios brasileiros são capazes de mudar tal crença e conduta. Trata-se, para Rodrigues, de um problema cuja cura está diretamente relacionada com uma mudança de comportamento em que o brasileiro passe a ter confiança e valide seus atributos como dignos e merecidos de serem exaltados e vivenciados em sua plenitude.

Quando o autor afirma “Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade”, usa o discurso indireto e coloca de forma difusa o agente do ato de dizer, ou seja, não define diretamente quem diz “que nós nos julgamos ‘os maiores’”, mas

apresenta o conteúdo de uma forma em que é possível inferir que se trata de um enunciado recorrente dito por pessoas que se contrapõem à representação discursiva defendida pelo autor da crônica-diagnóstico. Ao definir esse relato como “uma cínica inverdade” e, na sequência, fazer referência à traumática derrota de 1950, o autor descredibiliza a fala daqueles que negam a existência do complexo de vira-latas na relação de inferioridade que o brasileiro se coloca diante do resto do mundo.

A escolha do momento subsequente à definição do complexo de vira-latas para refutar quem eventualmente discorde da tese não parece ser arbitrária, pois é um momento bastante oportuno do texto para que o autor coloque sua representação discursiva como mais consistente. Ao organizar seu texto dessa maneira, o autor busca convencer seus interlocutores de que a representação discursiva com que antagoniza é inconsistente e desprovida de fundamento quando ela pode ser formulada ou retomada por parte dos leitores de sua crônica-diagnóstico.

Por fim, a crônica é concluída da seguinte forma:

Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. (RODRIGUES, 1993 p. 52)

A utilização do modalizador epistêmico – responsável por assinalar “o comprometimento/engajamento do locutor com relação aos fatos enunciados” (KOCH, 2009, p. 136) – “absolutamente” realça o papel de Rodrigues como psiquiatra que conclui o diagnóstico de um paciente, ou seja, descarta por completo a hipótese de incapacidade e aponta para um “um problema de fé em si mesmo” por parte dos jogadores brasileiros. Na sequência, ele receita o tratamento para que esse problema seja superado: “O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia”.

Ao se apropriar de uma das mais célebres citações de Shakespeare, na última frase do texto, para adaptar e recontextualizá-la à temática da crônica esportiva e à realidade brasileira, Rodrigues coloca o elenco da Seleção Brasileira diante de um dilema dramático que envolve o seu destino. Dessa forma, a postura mais

autoconfiante e o conseqüente sucesso do “escrete” frente aos desafios que se avizinhavam são a cura da doença causada pelo complexo de vira-latas.

O mapeamento metafórico do complexo de vira-latas é sintetizado no Quadro 02, a seguir:

**Quadro 2** – Complexo vira lata é doença

<b>Domínio-fonte</b>	<b>Domínio-alvo</b>
Doença	Complexo de vira-latas
Enfermo	Seleção/Povo
Psiquiatra	Nelson Rodrigues
Divã	Brasil
Diagnóstico	Inferioridade/ Falta de fé em si mesmo
Tratamento	Vitória da seleção/povo
Cura	Fim do complexo

**Fonte:** Os autores

### **Considerações finais**

A intertextualidade foi utilizada para constituir o diálogo do autor com outras vozes, principalmente as das pessoas que acreditavam no insucesso da Seleção Brasileira de futebol masculino. O autor avaliou a essência do discurso dessas vozes como oriunda do trauma vivenciado pelo povo brasileiro em decorrência da impactante derrota na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. A intertextualidade também se mostrou bastante presente no decorrer do texto na clara intenção do autor, expressa de forma mais contundente no último parágrafo, de que os jogadores brasileiros não se deixem abalar pelos efeitos do complexo de vira-latas e passem a ter uma nova postura que levem a materializar o seu talento na Copa do Mundo de 1958. A crônica-diagnóstico de Rodrigues, portanto, apresenta uma ambição de mudança de representação do povo brasileiro sobre si mesmo. Afinal, a indicação de um tratamento após um diagnóstico, conforme foi feito na crônica, tem o objetivo de obter uma cura, ou seja, uma mudança na conduta dos brasileiros diante de um padecimento.

A construção da ideia de inferioridade do povo brasileiro, retratada ao longo da crônica, é uma metáfora orientacional em que INFERIORIDADE É PARA BAIXO, como fica clara na ideia de representação de um vira-latas sendo tratado a pontapés; pois os vira-latas são considerados caninos de menor prestígio e valor nas sociedades urbanas, o que se torna uma referência de fácil entendimento em decorrência da humilhação por que esses animais passam constantemente no cotidiano das grandes cidades.

O “complexo de vira-latas” é estruturado por meio da metáfora COMPLEXO DE VIRA-LATAS É UMA DOENÇA que subjaz outra metáfora, SOCIEDADE É UM ORGANISMO VIVO, portanto o complexo de vira-latas é uma DOENÇA que afeta o ORGANISMO. Este organismo é representado metonimicamente pela seleção de futebol, que, por sua vez, representa o POVO/NAÇÃO em SELEÇÃO É BRASIL que precisa ganhar o mundial para ser curado dessa enfermidade denominada “complexo de vira-latas” por Nelson Rodrigues.

A icônica crônica esportiva “Complexo de Vira-Latas”, portanto, é um exemplo de como Nelson Rodrigues conseguiu com maestria discutir aspectos centrais da identidade brasileira a partir do futebol por meio da intertextualidade e da construção metafórica. A expressão se tornou uma grande referência intertextual no debate acerca da representação da posição de inferioridade que os brasileiros se colocam diante de países considerados mais desenvolvidos e da importância da autoconfiança para que o Brasil alcance o seu devido protagonismo diante do resto do mundo. Afinal, a expressão é muito clara e está relacionada ao repertório sociocultural dos brasileiros, o que facilitou substancialmente o processo de popularização e entendimento da expressão até mesmo entre as pessoas que não conhecem integralmente a crônica analisada neste trabalho ou o seu contexto de produção sequer de forma fragmentada.

## Referências

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008[1992].

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística Textual**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. 2 ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. London: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. **Philosophy in the flesh**. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002

LITTLEMORE, J. **Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. A Metáfora no Texto Jornalístico: na política e na economia. In: ORTÍZ ALVAREZ, M. L; UNTERNBAUMEN, E. U. (Orgs.). **Uma (Re)Visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 183-206.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor and Symbol**, 22 (1), 1–39, 2007.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES DA SILVA, Augusto. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. **Revista Investigações**, vol. 28, nº 2, julho, 2015.

SOARES DA SILVA, A. S; LEITE, J.E.R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, julho, 2015.

Recebido em 03 de agosto de 2021  
Aprovado em 04 de novembro de 2021